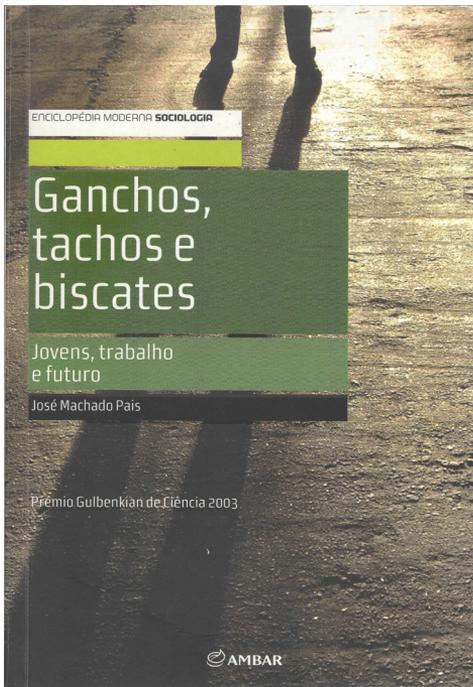


**Recensão a José Machado Pais: “Um Tacho na Política?”, in
Ganchos Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro.
 Lisboa: Ambar, 2001, pp. 185-201.**

Esser Jorge Silva (UTAD / CECS)



Os estudos em profundidade sobre a juventude e as culturas juvenis constituem a especialização a que José Machado Pais tem dedicado grande parte da sua obra. Professor Catedrático no Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), Machado Pais centra a sua atenção académica na sociologia da vida quotidiana, particularmente, a vivida pelos jovens. O seu livro “*Ganchos, Tachos e Biscates*”, praticamente um clássico da sociologia portuguesa, tem o objetivo de conhecer as circunstâncias com que os jovens se relacionam com o mercado de trabalho, nomeadamente, as formas como vão ocupando o espaço

de trabalho de acordo com as ofertas que lhes vão surgindo. Este parece ser o resultado de um tempo em que “o capitalismo flexível bloqueou a linearidade tradicional das carreiras profissionais”, o que gerou “encruzilhadas” e becos “sem saída” (2001: 11).

A totalidade da obra divide-se em duas partes, sendo a primeira de cariz teórico e metodológico sobre as “encruzilhadas” entre os jovens e o trabalho, e a segunda dedicada a “percursos e discursos” com recurso a nove entrevistas sobre variadas atividades laborais dos mais novos. A sexta conversa, aqui em referência, dedicada à prática política por jovens, constitui parte da obra agraciada com o Prémio Gulbenkian em 2003 e tem na pergunta “*Um Tacho na Política?*” o ponto de partida para a exploração do expectável de uma vida a entrar no campo político.

Vinca-se, desde logo, as dificuldades em estudar os políticos, mesmo jovens, quando acedem aos lugares em que representam o povo, “possivelmente por temerem por a descoberto o cozinhado do tacho” (2001: 185). O retrato do político quando ainda jovem acaba por resultar da conversa com Teodoro, um jovem político de 22 anos em estado de formação-ação. Estudante de Ciência Política, filho de pai diretor comercial e mãe professora, o jovem tende para o etnocentrismo quando fala sobre a juventude desenvolvendo um raciocínio que transforma em geral a sua condição particular. No seu caso, pretende abraçar a carreira política. E é a partir dessa vontade pessoal de afirmação que configura os desejos e as motivações do campo juvenil.

Há um modo pragmático – que não programático – imediatamente utilitário e centrado nos fins, como os jovens interpretam a prática política. Se por um lado as escolhas ideológicas estão, desde logo, facilitadas porque seguem uma espécie de linhagem familiar, as práticas obedecem ao princípio segundo o qual os mecanismos disponíveis devem ser usados sem parcimónia com vista à conquista de objetivos de poder. E dessas técnicas faz parte, por exemplo, os cuidados a ter na gestão do discurso, particularmente em deixar-se entrevistar quando se defende o castelo do poder, lugar a que o autor da obra atribui a classificação popular de *tacho*.

Para Teodoro, a política funciona como outros domínios profissionais nos quais o “êxito consiste em se ter êxito e não apenas em reunir condições para o ter” (2001: 187) pelo que se deve aproveitar todas as conjunturas porque são estas que “geram abertura ou encerramento de oportunidades”. O conceito de encerramento (ou fechamento para alguns autores) foi desenvolvido por Weber para ilustrar o processo pelo qual algumas atividades sociais procuram ampliar ao máximo os seus ganhos através da limitação das “oportunidades a um número restrito de privilegiados” (2001: 187). No caso da política a ideia de *conjuntura* favorável ajuda a compreender a elasticidade dos cadeados do encerramento, promovendo-se, nesse espaço-tempo, um “«tipo racional» de ação social que se caracteriza por uma atuação consciente e racionalmente orientada para determinado fim ou interesse, o *tacho*” (2001: 188).

Fruto das tramas e da intriga da política, a desconfiança entre os pares é um terreno minado em que os mais espertos não perdoam aos mais fracos. Apesar do seu “desejo de fazer carreira política”, o entrevistado entende que ser «político profissional» é visto como algo a recusar no seu caso pessoal, admitindo, contudo, que há muita gente que vê na “política um sustento” expresso em dois tipos de ambição – por vezes constituída em *lobby* e, outras vezes, constituída em *hobby* – agindo os primeiros por exclusiva ambição e

os segundos por recreio, não sendo todavia, estes últimos, “anjinhos” (2001: 188).

A socialização política é gerada em casa e as ideias a seguir bebem na corrente dos afetos familiares, fundamenta “a apreensão dos [...] costumes, ideários e moralidade reinantes” (2001: 189). O falhanço na entrada no curso de Ciência Política, inicialmente escolhido numa universidade pública, remete o entrevistado para uma universidade privada. Decide custear os seus estudos libertando os pais dessa obrigação, atitude que denota o seu “orgulho, caráter, firmeza de convicções” deslocando-o da orla daqueles “jovens que partilham de uma ética no trabalho não mais orientada pelo *dever moral*, mas pelo puro desejo de êxito pessoal” (2001: 190).

Já com as suas fronteiras ideológicas definidas, situando-se à direita “vincada”, e não moderada, vai frequentar o curso de Ciência Política. Integra-se nos grupos da “academia” e, fruto das suas leituras e interesse pela política, dali a um passo, está a ser assediado por vários partidos. À resistência inicial acaba por sucumbir e entrar para uma «jota», não sem antes ser confrontado com a possibilidade de entrada num outro partido. O “protagonismo” universitário e o constante assédio levam-no a sucumbir “à frenética correria pelo poder e glória” (2001: 190).

Juntamente com um grupo planeia, com dois anos de antecedência, “atacar a associação em 97” (2001: 191) socorrendo-se do apoio da sua «jota». Aí ganha consciência da relevância das “estruturas partidárias no movimento associativo estudantil” (2001: 191) e o próprio começa a “marcar posição” e a ganhar relevância política e “protagonismo” no interior do partido do qual se torna militante. Constata que as estruturas partidárias assumem que o seu funcionamento interno advém da capacidade individual de ter votos. [...] “Depende muito [...] da capacidade de mobilização de votos; quem tem votos tem poder e os votos é que contam”. Do resto pode-se ser uma “pessoa levada em linha de conta, merecer respeito, mas isso pouco conta no que importa contar: os votos” (2001: 191), sendo este e só este o critério que produz as escolhas.

Há uma distinção a fazer entre os que fazem um trabalho para o exterior do partido, geralmente pouco ou nada recompensados por esse trabalho e os que se dedicam ao “trabalho para dentro”. Como o que conta é a parte interna da estrutura partidária, os indivíduos “acreditam que podem viver da política e vão para a juventude partidária claramente à procura disso” (2001: 192) pelo que há indivíduos que apenas se dedicam a essa vertente, socorrendo-se da “ética do vale tudo” e movendo-se “segundo um princípio pragmáti-

co que apenas avalia as condutas em função da sua eficácia no que se refere à obtenção do êxito pessoal traduzível em número de votos” (2001: 192).

A partidarização dos movimentos associativos estudantis representa o começo de uma atividade através megafone e da colagem de cartazes com vista ao lugar de deputado evidenciando-se não “a competência” mas sim a recompensa “dos serviços prestados ao partido” (2001: 193). O entrevistado revela consciência crítica em relação a esta forma de “subordinação da ação política à pura lógica dos votos, do ganho eleitoral” (2001: 193) mas concorda com a existência de “carreirismo político” distinguindo os que “fazem a carreira política em paralelo com uma carreira profissional” daqueles “que fazem da carreira política a sua carreira profissional” (2001: 194). A dicotomia levanta a questão de saber se os políticos devem ou não ser “profissionais”, sendo, todavia, claro que “as pessoas que estão à frente da nação” o devem ser mesmo havendo indivíduos que não deviam estar à frente do país.

Admite que entre os jovens o carreirismo político faz sentido porque, caso não tenham “outra coisa para fazer [...] vêm para a política”. Para que tal circunstância ocorra é necessário estar “na altura certa, com a pessoa certa, no lugar certo”, fatores que podem levar alguém a “ser de um pé para a mão, sem saber ler nem escrever, deputado ou eurodeputado” (2001: 194).

A perspetiva e respostas de Teodoro apelam ao “modelo de associações de ideias” de Mary Spink, assim como “as explicações dessas associações e respetivos qualificadores” (2001: 194), cujo esquema do Machado Pais desenha do seguinte modo:

Tópico	Associações	Explicações	Quantificadores
Política	Muitos cães a um osso	Nunca lá chega um Zé qualquer	É muito bonito uma pessoa achar que pode vir a ser deputado... Na Assembleia da República nós temos lá pessoas que nunca deram contributo a não ser levantar a mão
	Oligarquia partidária	Lobby que os vais aguentar a sustentar a vida. Ter protagonismo na estrutura.	Ganhar o aparelho
	Sacos de votos	Aglutinar, angariar militantes; eh pá vou fazer quinhentos militantes.	Quem tem votos tem força
	Carreirismo	Posso dizer que já tenho algum currículo	Subir no partido O objetivo é ganhar

A grelha de associações do entrevistado orienta-se para a compreensão da política como que dominada pela noção de *tacho político*. Sendo grande a matilha, o produto do tacho (o osso) a lambuzar não é para todos, nem para um “Zé qualquer”. Há, por isso uma disputa injusta entre os políticos incompetentes e os políticos competentes na competição pelo *tacho* que tem lugar nos “aparelhos partidários” (2001: 196). Esta luta pela “conquista de posições no aparelho partidário ilustra perfeitamente o conceito weberiano de *encerramento social* [...] pois garante «aos seus partícipes o desfrute de [...] vantagens de monopolização»” que segundo Weber são conseguidas mediante estratégias de “apropriação” (2001: 196). Surge, através do entrevistado, a identificação da política como “oligarquia partidária através da conquista do aparelho” resultante da posse de um “saco de votos”, um instrumento com vista a “um fim concreto” expresso em «subir no partido» dado que o “objetivo é ganhar”. A subida no partido faz pelo historial curricular mais conhecido por «carreirismo» (2001: 196)”

Na sua viagem formativa Teodoro conseguiu chegar a presidente da associação de estudantes da universidade onde estuda. Entende que “a seguir ao reitor, a pessoa mais importante é o presidente da associação” (2001: 197). Assume assim a *identidade de papel*, “o papel que o individuo projeta sobre si mesmo no quadro de uma idealizada posição social” (2001: 197), uma identidade “auto projetada, não tanto transmitida, quanto conquistada” ao assumir sem o afirmar diretamente que ele é a pessoa mais importante da universidade a seguir ao reitor.

É visível a intenção a preocupação do jovem em deixar presente a posição social que ocupa. Nos “atos da fala” revelam-se “performances retóricas que simbolizam poderes sociais” (2001: 198). O entrevistado insiste na natureza verticalizada da associação exatamente para deixar presente que existe “um cume” na hierarquia, “obviamente por ele ocupado” (2001: 198). Um aprendiz de político “necessita alimentar o ego” seguindo as cartilhas que “ensinam como desfrutar das orgias do *self* e do auto”, seja através da “autoestima, do autocontrolo, da autossuficiência e de outros tantos autos” (2001: 198).

Das crenças políticas de Teodoro fazem parte categorias como “capacidade de iniciativa privada no empreendimento pessoal” para as quais são importantes “as metas profissionais” como fator de influência do “êxito”, dado que estas além de centrarem a “atenção, ajudam a mobilizar o esforço” (2001: 200). Acobertado e compreendido pela relação familiar “ótima”, muito solicitado, com a vida totalmente ocupada com múltiplas atividades,

o jovem almeja as coisas simples, próprias do desejo “pequeno-burguês de pachorrentar tardes domingueiras em alienações quotidianas de televisão e futebolis”, o que o coloca no grupo dos jovens hedonistas que querem “ser ricos, bonitos e influentes, preferencialmente antes dos 35 anos” (2001: 200). “Exercer um cargo” é o desejo destes jovens políticos. Mas como na política e tudo é mais “circunstancial” do que “programável”, resta o “desejo” e a “consciência da incerteza”, sabendo-se que acima estão “as estruturas” (2001: 201) que determinam as condições de sucesso.